

Crescimento desordenado já é ameaça para Brasília

Estudo mostra que no ano 2000 a capital federal terá problemas de infra-estrutura, transportes e abastecimento de água

Regina Alvarez

• BRASÍLIA. A capital do Brasil projetada por Lúcio Costa está irreconhecível. A cidade cresceu de forma desordenada e está longe do modelo idealizado pelo arquiteto no Governo JK. A crise habitacional levou à proliferação de loteamentos irregulares em áreas periféricas, mudando radicalmente o mapa original da cidade. Mantida a situação atual, em que o Governo do Distrito Federal não consegue controlar a ocupação do solo, Brasília terá no ano 2000 uma área urbana duas vezes maior do que a atual, com proble-

mas de infra-estrutura básica, transportes e abastecimento de água, além de danos irreversíveis ao meio ambiente. Hoje, o DF tem 1,8 milhão de habitantes. Apenas 300 mil deles moram no Plano Piloto (Asas Sul e Norte, Lagos Sul e Norte), que tem a maior renda *per capita* da América Latina.

O retrato assustador da capital federal no ano 2000 não é uma peça de ficção. Baseia-se em informações reunidas num avançado modelo de mapa do DF que é o resultado da tese de doutorado do geógrafo Rafael Sanzio Araújo dos Anjos, professor da Universidade de Brasília (UnB). O Mapa

Imagem Multitemporal do DF mostra Brasília em três tempos: a configuração urbana de 1987, com base na foto do satélite Landsat, cedida pelo Governo da França, onde o pesquisador fez parte do doutorado; a imagem atual, onde já se destaca o crescimento urbano desordenado; e uma projeção para o ano 2000, baseada nas áreas urbanas em formação, compostas basicamente pelos loteamentos irregulares.

A pesquisa mostrou que essas áreas abrigam hoje 270 mil lotes irregulares e que entre 1989 e 1994 surgiram 147 novos loteamentos desse tipo. A proliferação

dessas áreas aponta para uma ocupação urbana de 89 mil hectares no ano 2000, praticamente o dobro da área atual do DF, de 46 mil hectares. Ao contrário das áreas urbanas irregulares de outras grandes cidades, esses condomínios são habitados, na maioria, por uma população de classe média e alta. São lotes de até dois mil metros quadrados e alguns abrigam mansões com piscina e amplas áreas de lazer.

— Os habitantes dos condomínios têm influência política, o que torna quase irreversível a ocupação das áreas — diz Sanzio.

O geógrafo defende a regulari-

zação dos loteamentos existentes e a ação mais rigorosa do Governo do DF para evitar a proliferação dessas áreas. O Plano Diretor já contempla ações para controlar o crescimento e urbanizar os condomínios irregulares. Só que essas ações não são efetivadas.

— Os danos ao meio ambiente são irreversíveis. A infra-estrutura é precária e há o risco de contaminação dos mananciais de água e desabastecimento. Não se sabe exatamente o que a proliferação de poços artesanais clandestinos nessas áreas pode causar ao lençol freático — alerta.

Por serem irregulares, os con-

domínios rurais não têm coleta de lixo, nem rede de água ou esgoto. Além disso, muitos foram construídos em áreas de preservação ambiental, que estão sendo desmatadas. O mapa mostra também que a expansão urbana criou um novo pólo econômico, formado pelas cidades-satélites de Taguatinga, Ceilândia e Samambaia — que reúne um milhão de habitantes e já concorre em importância com o Plano Piloto.

Há ainda o crescimento de áreas agrícolas irrigadas por sistema de pivô central, que consomem muita água e usam agrotóxicos em larga escala. ■